

ASPECTOS E CARACTERÍSTICAS DA INTERAÇÃO NA PRODUÇÃO DO RESUMO ACADÊMICO: DO TEXTO-FONTE AO RESUMO PRODUZIDO

ASPECTS AND CHARACTERISTICS OF INTERACTION IN THE PRODUCTION OF ACADEMIC SUMMARY: FROM THE SOURCE TEXT TO THE SUMMARY PRODUCED

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer

Universidade Estadual do Norte do Paraná

marilucia@uenp.edu.br

Renilson José Menegassi

Universidade Estadual de Maringá

renilson@uol.com.br

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de revisitar os conceitos trazidos pelo Círculo de Bakhtin a respeito do encontro entre o autor e seus interlocutores, buscando compreender como eles se manifestam, constitutiva e verbalmente, no gênero discursivo resumo acadêmico, bem como apresentar uma reflexão teórico-analítica sobre um exemplar do gênero, à luz da perspectiva dialógica de estudo da linguagem. As discussões demonstraram como várias vozes constituem o exemplar, de forma constitutiva e verbal, o que encaminha a construção do enriquecimento de sentido ao texto fonte, da progressão do que foi assimilado do discurso precedente, e um direcionamento à situação social específica, considerando quem são todos os co-participantes da interação. Foi possível ainda a elaboração de uma síntese dos principais aspectos e características do gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectiva dialógica da linguagem; Gêneros acadêmicos; Resumo acadêmico.

ABSTRACT: This article aims to revisit the concepts brought by Bakhtin Circle regarding the encounter between the author and his interlocutors, trying to understand how they manifest themselves, constitutively and verbally, in the discursive genre academic summary, as well as presenting a theoretical-analytical reflection about an exemplar of the genre, in the light of the dialogic perspective of study of language. The discussions demonstrated how several voices constitute the exemplar, in a constitutive

and verbal way, which directs the construction of enrichment of meaning to the source text, the progression of what has been assimilated from the preceding discourse, and a direction of the specific social situation, considering who all the coparticipants of the interaction are. It was also possible to elaborate a synthesis of the main aspects and characteristics of the genre.

KEYWORDS: Dialogic perspective of language; Academic genres; Academic summary.

Introdução

O interesse principal deste trabalho é contribuir com os estudos sobre os princípios teóricos da perspectiva dialógica da linguagem instituída pelo Círculo de Bakhtin, trazendo à luz os preceitos sobre aspectos da relação entre o autor de um enunciado escrito e seus interlocutores: o interlocutor-ouvinte-leitor, para quem o texto é dirigido; e a quem o texto responde (BAKHTIN, 2016), a destacar o processo de interação que se estabelece no gênero discursivo resumo acadêmico, escolhido como instrumento de análise.

Como professores e pesquisadores participantes direto do processo de formação docente inicial, nossa busca é contribuir com estudos que objetivem desenvolver a prática discursiva da leitura e da produção de textos acadêmicos dos alunos, no nosso caso daqueles do curso de Letras, a fim de que possam participar efetivamente do campo acadêmico, de muitos outros campos da atividade humana, atuando como cidadãos críticos e éticos que agem, defendem-se, posicionam-se, na sociedade, por meio da interpretação e da produção dos mais diversos gêneros do discurso que lhe são requisitados, e como professores, atuarão com os mesmos objetivos sobre seus alunos. Para tanto, é preciso, primeiro, sendo o que nos propomos nesta parte do artigo, conhecer a natureza dos enunciados historicamente estabilizados no campo acadêmico, uma vez que, para Bakhtin (2003),

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gêneros do enunciado nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – [...] opera inevitavelmente com enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação – [...]. O desconhecimento da natureza do

enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida (BATKHIN, 2003, p. 264-265).

Dessa forma, revisitamos os conceitos trazidos pelo Círculo de Bakhtin a respeito do encontro entre o autor e seus interlocutores que se manifesta, constitutiva e verbalmente, em textos, a apontar como estão implicados na formação do gênero discursivo resumo acadêmico.

A escolha ocorreu diante da afirmativa de Bragagnollo (2011) de que o resumo é um gênero essencialmente parafrástico: o autor reafirma, em palavras diferentes, o sentido do texto-fonte, promovendo “um enriquecimento de sentido” e provocando “uma progressão do discurso” do outro (BRAGAGBOLLO, 2011, p. 42). Proposições que colocam em evidência a relação entre o autor do resumo com o discurso instituído no texto-fonte, sob o prisma da construção da contrapalavra, que são reações-responsivas que acontecem após a compreensão do discurso do outro (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Em se tratando dessa relação, a afirmativa de Volochinov (2013, p. 85) é a de que toda palavra “é expressão e produto da interação social de três: do falante (autor), do ouvinte (leitor), e daquele de quem ou de que se fala (protagonista)”.

Em um segundo momento, apresentamos uma reflexão teórico-analítica sobre um exemplar do gênero resumo acadêmico à luz da perspectiva dialógica de estudo da linguagem. A intenção é que, aqueles que estão em processo de formação docente inicial tenham acesso a estudos que evidenciem o confronto entre várias vozes que constituem os textos, no momento da prática discursiva da leitura e da produção, e futuramente no ensino das referidas práticas, possa colocar essa perspectiva em foco. Isto pressupõem que o trato com os gêneros acadêmicos deve ser ensinado ao professor em formação inicial, com as necessárias regularidades e condições de produção.

O resumo que forma nosso *corpus* foi publicado na obra *Resumo*, de Machado, Lousada e Adreu-Tardelli (2004), em anexo. O que pretendemos não é criticar, transformar ou ampliar a maneira como o material trabalha com o referido exemplar, é simplesmente, diante da pouca publicação sobre o ensino e o trabalho com resumos acadêmicos, tomar como objeto de análise um texto legitimado pela publicação. E, então, ao analisá-lo sob o viés discursivo da linguagem, subsidiar a formação inicial docentes com estudos centrados nesse viés.

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “Gêneros discursivos/textuais: dos documentos prescritivos à sala de aula”, desenvolvido na Uni-

versidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), e ao projeto “Escrita, revisão e reescrita na formação docente”, desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá, ambos financiados por Bolsa de Produtividade em Pesquisa da Fundação Araucária do Paraná.

1. A relação dialógica na formação da natureza do enunciado

No centro do pensamento do Círculo de Bakhtin está a presença do outro. É na relação entre o falante/autor com seus interlocutores (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006), ou com “o outro” (BAKHTIN, 2003), que o diálogo acontece. Explica Bakhtin que,

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p. 294-295).

Esse elo com os discursos precedentes no resumo acadêmico está marcado na própria essência do gênero. De acordo com a pesquisa de Bragagnollo (2011), esse gênero pode ser definido como: a condensação de um texto redigido com as palavras do leitor, que se torna, então autor; um texto que explica a compreensão que um leitor teve de um texto lido; uma retextualização de um texto-fonte; a reafirmação, em paráfrase, do sentido de uma obra; caracterizando-se pela fidelidade das ideias apresentadas no texto-fonte. No mesmo sentido está o conceito exposto por Costa (2008, p.160), "uma apresentação abreviada de um texto, conteúdo de livro, peça teatral, argumento de filme etc.". Por assim ser, o resumo se configura como um exemplo concreto da proposição de Bakhtin (2003, p. 300) de que nenhum falante “é um Adão bíblico”, uma vez que “O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele” (BAKHTIN, 2003, p. 299-300). É por meio da construção de paráfrase, da retextualização, da apresentação abreviada (BRAGAGNOLLO, 2011; COSTA, 2008), que o “objeto”, o discurso do outro, é, no resumo, “ressaltado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos” (BAKHTIN, 2003, p. 300).

Produzir um resumo não é, então, apenas um ato mecânico de identificação das ideias principais do texto-fonte, de eliminação de exemplos e de ideias secundárias, uma cópia de trechos mais importantes, existe sempre um sujeito particular, ativo e crítico, que é o autor do resumo, constituído de ideologias, objetivos, conhecimentos e emoções particulares que dialoga com os discursos instituídos no texto-fonte e a eles responde (BAKHTIN, 2003). Ao ressaltar, contestar, reelaborar, reacentuar os discursos precedentes, a contrapalavra se estabelece. De acordo com Bakhtin (2003), toda palavra comporta três aspectos: é uma palavra existente no sistema, e por isso com significados lexicográficos neutros; é palavra signo, cheia de ecos de outros enunciados; e, ao mesmo tempo, é palavra de um enunciado único e irrepetível, sendo “minha palavra, porque, uma vez que eu opere com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão” (BAKHTIN, 2003, p. 294).

Mas o emprego dessa palavra minha, da contrapalavra do autor, não é algo livre, porque “Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 116- grifo do autor). Situação que engloba a intenção comunicativa do falante/autor, seu querer ou necessidade de dizer; o campo da atividade humana onde a interação acontece; quem são os participantes da interação, os papéis discursivos que eles ocupam; e os aspectos que moldam as diferentes e diversas formas de enunciar: os gêneros do discurso. A proposição de Bakhtin (2003, p. 283) é a de que “Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas da construção do todo” (BAKHTIN, 2003, p. 283). Sobre essa relativa estabilidade, conforme Bakhtin/Volochinov (2006), existem gêneros mais padronizados/estáveis e outros mais livres para a criação individual, mas todos eles refletem os aspectos extraverbais que formam a enunciação.

Sob esse enfoque, o resumo não é um gênero do discurso muito aberto às idiosincrasias, como alguns outros gêneros, ele é mais estável (BAKHTIN, 2003, p. 284), no sentido de que permite apenas “leves matizes de entonação expressiva” de seu autor, vinculadas à percepção e à compreensão que teve do significado do texto-fonte.

O Círculo de Bakhtin acentua ainda o fato de que “o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas, também, aos subsequentes da comunicação discursiva. [...] O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande” (BAKHTIN, 2003, p. 301). É diante de quem é

o interlocutor, da hierarquia social que ele ocupa na situação discursiva, bem como do conteúdo semântico-objetual tratado na interação e a valoração que os interlocutores, autor e seu destinatário, dão a ele, e de qual é o gênero do discurso escolhido pelo falante/autor para a interação, que a entonação se constitui, e em decorrência o autor escolhe e organiza os elementos composicionais e estilísticos. Nesse sentido, é que o resumo acadêmico se configura discursiva e linguisticamente diferentes de outros resumos. Conforme Bragagnollo (2011), o resumo acadêmico

[...] caracteriza-se pela função que adquire quando é produzido. Isto quer dizer que esse tipo de resumo tem objetivos e características diferentes dos resumos produzidos em outros contextos, como, por exemplo, os resumos de filmes (chamados de sinopses), de peças de teatro etc. Em geral, no contexto acadêmico, o resumo tem um caráter avaliativo, pois o aluno-produtor sabe que seu texto será avaliado pelo professor” (BRAGAGNOLLO, 2011, p. 41).

Esse tipo de resumo tem a função sociocomunicativa de comprovar que o graduando leu um texto, seguindo solicitação/exigência do professor, e compreendeu os significados do texto. E, para o professor, a produção do resumo é garantia de que o aluno realizou a leitura, é produto para averiguação/avaliação da compreensão e aprendizagem do aluno a respeito de um conteúdo posto em processo de ensino e aprendizagem. Por assim ser, o gênero resumo acadêmico é linguística e discursivamente diferente de outros, por exemplo, do gênero sinopse de filme, resumo de artigo científico, quarta capa/contracapa de livro, em que os princípios do texto resumo se constitui como integrante. Cada um desses gêneros está carregado das características do campo do qual participam, das práticas sociais por eles manifestadas, da função sociocomunicativa que recebem dentro da interação em específico, dos papéis sociais que ocupam os participantes em cada um dos campos da atividade humana, das relações com o momento e o lugar de produção que influenciam na organização dos textos. Aspectos que devem ser tomados como objeto de ensino e aprendizagem na formação docente inicial quando do trabalho com os gêneros. A assertiva de Bragagnollo e Menegassi (2014) é a de que, nas sociedades letradas, saber resumir é uma necessidade para desempenhar várias funções, o que transcende a sala de aula e os bancos acadêmicos.

Assim, o resumo, como um gênero discursivo utilizado no campo acadêmico, em decorrência de uma prática social de linguagem, diante da função sociocomunicativa que exerce na situação social imediata (BAKHTIN/VOLO-

CHINOV, 2006), constitui-se por características específicas que vão organizar os três elementos que estão “indissolivelmente ligadas ao todo do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 280): o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, os quais tornam, nas palavras de Polato e Menegassi (2017, p. 129), os gêneros “palpáveis”.

O conteúdo temático, ou na expressão de Bakhtin (2003, p. 296), o “elemento semântico-objetual” é o que determina a escolha dos elementos estilístico-composicionais, consequência da valoração que o autor tem sobre a temática em abordagem numa enunciação. O conteúdo temático é, então, o tema tratado em um texto mais a valoração que o tema recebe do autor e a que ele presume que seus destinatários tenham. E, dependendo também do contexto em que a enunciação se insere, o sentido dado ao texto pode ser diferente, consequentemente a organização dos elementos composicionais e do estilo também. Logo, os gêneros “estão sujeitos a determinadas regras, que os constituem como textos e os fazem ser reconhecidos como pertencentes àquela comunidade” (BORBA, 2004, p. 83). No campo acadêmico, o estilo caracteriza-se pelos seguintes elementos, conforme estudos de Borba (2004), Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) e Bragagnollo (2011): emprego de um léxico mais formal; diferentes expressões para fazer referência ao autor do texto-fonte, assegurando a coesão textual; verbos que atribuam ações ao autor do texto, garantindo-lhe a autoria das ideias e conceitos; marcadores de validação que indiquem que o autor toma o conteúdo do texto-fonte como verdadeiro; uso do tempo presente; sequencializadores: primeiro; em seguida; em terceiro lugar etc.; conectores lógico-temporais: ao mesmo tempo; então; novamente; etc.

No caso da construção composicional, seguindo o agrupamento de gêneros sugerido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o resumo tem em predominância o aspecto tipológico do expor, organizando-se por sequências descritivas e explicativas.

2. A relação dialógica na construção dos sentidos do resumo acadêmico

A premissa que conduz nossa reflexão teórico-analítica sobre o resumo acadêmico é a de que para que o professor em formação inicial possa se instrumentalizar e fazer uso desse gênero nas situações comunicativas existentes no ensino superior, bem como para que ele possa mediar o processo de ensino e aprendizagem do resumo no momento do exercício da profissão, é preciso que

passa por um processo de apropriação das especificidades que formam o gênero, assim como deve acontecer com cada um dos gêneros que são transpostos para a sala de aula como objeto de ensino e aprendizagem. Neste trabalho, nossa intenção é colocar em evidência o diálogo que se realiza entre o autor do texto e seus interlocutores, os precedentes e aos que o texto se dirige, no caso, não sendo esse apenas um dos elementos que caracterizam os gêneros, uma vez que, segundo Bakhtin/Volochinov (2006, p. 127), “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psico-fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal”. Assim, o entendimento é de que toda e qualquer interação verbal se realiza por meio do diálogo, “Mas, pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 2006, p. 127).

O *corpus* é formado por um resumo possivelmente produzido pelas autoras da obra onde o texto foi publicado, já que não há apresentação da fonte. A obra é Machado, A.R.; Lousada, E.G.; Abreu-Tardelli, L.S. *Resumo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 (ANEXO 1). Nossa hipótese é a de que o processo de produção realizado pelas autoras ocorreu em uma situação de simulação. Isto é, o texto foi produzido com a finalidade de que o leitor da obra tivesse contato com um exemplar do gênero considerado adequado; um texto formado pelos elementos que caracterizam o gênero do discurso em abordagem.

Voltamo-nos à afirmativa de Bakhtin (2003) de que toda palavra traz a expressão de seu autor, o seu tom valorativo, e então compreendemos que, para a compreensão dos sentidos do texto-fonte, para que seja possível identificar quais são as ideias principais do texto-fonte, a fim de dar início ao processo de produção de um resumo, é preciso buscar conhecer quem é o autor; qual seu papel social; quem é esse indivíduo (autor do texto-fonte) para dizer o diz; quem é ele para imprimir acentos de valor à temática estabelecida no texto; com quem o autor do texto-fonte, por sua vez, dialoga. O texto que deu origem ao resumo é um artigo intitulado “Cultura da paz” de autoria de Leonardo Boff¹ (ANEXO 2), segundo Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004).

Leonardo Boff, de acordo com o sítio www.leonardoboff.eco.br, é doutor em Filosofia e Teologia. Foi professor em universidades no Brasil, em Portugal, Espanha, Estados Unidos, Suíça, Alemanha e outros países. Recebeu vários

¹ Disponível em: <http://www.leonardoboff.eco.br/site/lboff.htm>. Acesso em: 08/12/2018.

prêmios no Brasil e no exterior por seu trabalho a favor das minorias e dos Direitos Humanos. Durante muitos anos foi padre ligado à igreja Católica, e em razão de seus estudos ligados à Teologia da Libertação, em 1985, foi por um ano deposto, pelo vaticano, de suas funções editoriais e de magistério no campo religioso. Em 1992, ameaçado com nova punição, renunciou de suas atividades de padre. É mundialmente conhecido como teólogo da libertação, escritor e conferencista; é assessor de movimentos sociais, como o Movimento dos Sem Terra e das comunidades eclesiais de base, entre outros. Atualmente, é professor emérito de Ética, Filosofia da religião e Ecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; autor de mais de 60 livros nas áreas de Teologia, Ecologia, Espiritualidade, Filosofia, Antropologia e Mística.

Ao considerarmos a trajetória de vida de Boff, que se torna o contexto extraverbal (VOLOCHINOV, 2013) para a produção de sentidos, mesmo sem o conhecimento e a realização de estudos aprofundados sobre o que é a Teologia da Libertação, é possível compreender que o artigo “Cultura da paz” apresenta vozes da igreja católica. A voz da religiosidade é constitutiva da enunciação e do sujeito que a elabora, é o que o Círculo de Bakhtin considera como forma ampla de dialogismo, segundo classificação dada por Fiorin (2008). Diálogo que está também marcado no fio do discurso (FIORIN, 2008), por exemplo, na citação a Dom Herder Câmara, arcebispo católico influente no Brasil pela defesa aos direitos humanos, situado como paradigma de uma pessoa generosa que influenciou Boff a acreditar e cultivar a paz. Em outro momento do artigo, Boff afirma que “O ser humano é o único ser que pode intervir nos processos da natureza e co-pilotar a marcha da evolução. Ele foi criado criador”, assertiva que tem relação de sentidos com o discurso religioso de que o homem foi criado por Deus a Sua imagem e semelhança (Livro do Gênesis, na Bíblia), por isso igualmente tem o poder de ser criador e interventor.

Uma outra voz que constitui o enunciado, a que chamamos, aqui, da voz da não-religiosidade, isto é, de um discurso que prega a cisão entre religião e ciência. Boff apresenta uma réplica contrária a essa questão, o que não está materialmente marcado no artigo, porém, conforme postula Fiorin (2008), os preceitos apresentados nas obras do Círculo evidenciam que em todo enunciado “ouvem-se sempre, ao menos duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão ali presentes” (FIORIN, 2008, p. 24). Em vários dos escritos do teólogo há uma exposição de defesa da visão de que religião e ciência devem se unir para descrever, compreender e explicar os fenômenos do universo. Em um de seus artigos, por exemplo, a afirmação é a de que “Todas as pronúncias do mundo são complementares e ajudam na decifração daquilo

que é mais do que o enigma da natureza, vale dizer, o seu verdadeiro mistério”². No caso do texto-fonte, essas vozes não estão marcadas, são constitutivas da enunciação.

O entrelaçamento de diálogos, da religiosidade e da não-religiosidade, a cisão entre religião e ciência, vai permeando a construção dos sentidos do artigo de Boff de que ao olhar a origem do homem pela ciência, tudo começou por um processo violento, a partir de uma grande explosão, e a evolução foi expandido cada vez mais a violência. Contudo, porque o ser humano foi criado por Deus, com capacidade de afetividade, compaixão, solidariedade e amorização, é possível superar a violência com o cultivo da cultura da paz que deve ser projeto de vida de cada um e do coletivo. No entanto, no resumo de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) essas vozes não estão presentes, o que não pode ser considerado como incoerente, frente a vários motivos, um deles o fato de que, como posto, a perspectiva teórica que norteou a produção do resumo era outra. Mas, sob o prisma de nosso arcabouço, as autoras são sujeitos particulares, constituídos de ideologias e conhecimentos individuais, o que influencia na construção da enunciação e na organização do enunciado, conforme explica Bakhtin (2003). Assim, o conteúdo temático na alternância dos sujeitos do discurso pode mesmo ganhar novas orientações de sentido, porque o novo falante,

[...] aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra. Essa marca da individualidade, jacente na obra, é o que cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras a ela vinculadas no processo de comunicação discursiva de um dado campo cultural: das obras dos predecessores nas quais o autor se baseia, de outras obras da mesma corrente, das obras das correntes hostis combatidas pelo autor, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Nesse sentido, o texto de um indivíduo nunca será o mesmo, nunca terá o mesmo sentido que o produzido por outro.

Um outro motivo para as referidas vozes não constituírem o resumo em análise é porque, de acordo com o Círculo de Bakhtin, todo enunciado é pleno de palavras dos outros em graus vários de alteridade, assimilabilidade, de aperceptibilidade e de relevância, que é o que leva a reacentuação (BAKHTIN, 2003).

² Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2013/02/18/uma-nova-alianca-entre-ciencia-e-religiao/>. Acesso em: 18/12/2018.

Isto é, existe um indivíduo particular que fala no texto, mas ele se constitui nas relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, dos quais as opiniões, ideias, dizeres são assimilados em graus diferentes, diante do que o indivíduo percebe, avalia e julga como relevante, e então a eles responde, aceitando ou refutando, completando ou transformando os discursos precedentes. Assim, sob o viés dialógico da linguagem, nossa compreensão é a de que tais questões tratadas pelas vozes da religiosidade e do embate, já aqui referenciadas, aos que a ela se opõe, podem ter sido assimiladas em menor grau por Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) ou não avaliadas como tão relevantes para a construção do resumo. E ainda, há a questão defendida por Bragagnollo (2011) de que resumo acadêmico é um gênero do discurso em que a exauribilidade semântico-objetual do tema é relativa.

A exauribilidade, segundo Bakhtin (2003), se refere ao esgotamento da temática tratada em um texto, no momento da alternância dos sujeitos do discurso, sendo ligada aos interesses comunicacionais do indivíduo que produz o discurso. Esgotamento que pode ocorrer de forma plena ou de forma relativa, e “é profundamente diverso nos diferentes campos da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 281).

A exauribilidade temática plena ocorre em campos da atividade humana como os oficiais, em que os gêneros são mais padronizados. Por exemplo, no momento da produção de uma resposta a uma ordem oficial, a temática é ali esgotada, não há espaço para criação e particularidades na resposta a ser dada, ela corresponde exatamente ao que foi solicitado ou ordenado. Já em alguns gêneros do discurso, “justamente por ter seus limites como enunciado concreto imposto pelo grupo social em que circula” (MENEGASSI, 2010, p. 81), o tema ganha exauribilidade relativa, isto é, relativa conclusibilidade, o que permite aquele que responde o emprego de um estilo individual, de criatividade. Explica Menegassi (2010) que

(...) o gênero em si não é relativo, mas o tema que o constitui apresenta essa característica, em função do projeto de dizer do autor, da finalidade marcada, da ‘ideia definida do autor’, nas palavras de Bakhtin. Dessa maneira, o tema é um elemento que está intimamente ligado ao gênero, sendo, portanto, o primeiro dos elementos de sua constituição.

Com isso, observa-se que a exauribilidade temática é elemento primário e essencial à produção de gênero discursivo, orientando o produtor, no seu processo de construção, e o interlocutor-respondente, no seu processo de compreensão responsiva, para que se estabeleça a interação verbal social (MENEGASSI, 2010, p. 82).

Conforme apontam os estudos de Bragagnollo (2001), o resumo tem como característica a exauribilidade temática relativa, o autor escolhe palavras próprias, onde pode empregar seu estilo (em um menor grau, como trataremos a seguir), para sintetizar o conteúdo do texto-fonte.

Assim, diante das questões até aqui apresentadas, é importante destacar que ao professor em processo formativo inicial, ao ser colocado em contato com os preceitos sobre o caráter dialógico de linguagem, a fim de que seja o norte do processo de interpretação e de produção de textos, não só as formas linguísticas e os atos psico-fisiológicos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006) são considerados na elaboração de seus enunciados, mas, também, o fenômeno do diálogo que institui as interações sociais, que é “a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 127). Consequentemente, os aspectos axiológicos presentes nos conceitos de exauribilidade, de processos de assimilação e reacentuação, de individualidade no estilo, apresentados pelo Círculo de Bakhtin, também serão considerados pelo acadêmico no seu processo de escrita do gênero.

Voltando-nos sobre o aspecto da exauribilidade, no caso de nosso *corpus*, a relevância maior dada pelas autoras, no que mais elas se concentram em uma resposta (BAKHTIN, 2003), não é nos diálogos que destacamos como constitutivos do artigo de Boff, elas se centram na temática da necessidade do enfrentamento da cultura da violência para que a cultura da paz prevaleça, a fim da preservação da sociedade atual, o que, assim como as autoras, consideramos o conteúdo principal, essencial do texto-fonte. É onde está a contrapalavra de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004). Como “minha palavra” (BAKHTIN, 2003, p. 294), isto é, como palavras próprias e particulares com as quais operam Machado, Lousada e Abreu-Tardelli na ação de sintetizar o conteúdo do artigo de Boff, elas empregam ao resumo uma entonação expressiva que reflete à percepção e à compreensão particular que tiveram do conteúdo do texto-fonte (BAKHTIN, 2003). Conforme expõe Bakhtin/Volochinov (2006, p. 137), “Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra”. Assim, o texto de Boff é parafraseado empregando, no caso, matiz de entonação expressiva, o que se explica diante do gênero que está em questão, um resumo. Diferente, por exemplo, da resenha, ou do artigo de opinião, onde a contrapalavra está explícita na opinião daquele que produz o texto, no gênero discursivo resumo, a contrapalavra se estabelece na construção da paráfrase, do dizer o mesmo que o texto-fonte, porém realizando escolhas lexicais e operando sobre a organização da sintaxe de modo a uma particularidade do produtor. Assim,

ao produzir o texto com outras palavras, com palavras próprias, é nessa ação que a contrapalavra neste gênero se evidencia.

Por exemplo, toda a explanação realizada por Boff, no texto-fonte, sobre a origem da violência, sobre os fenômenos que a caracterizaram social, cultural e antropologicamente, e os exemplos por ele arrolados, está sintetizada na contrapalavra de que o que Boff faz é apresentar “argumentos” para sustentar a tese de que é difícil superar a cultura da violência, o que pode ser melhor visualizado pelos excertos a seguir:

Cultura da paz - Leonardo Boff	Resumo – Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004)
<p>A cultura dominante, hoje mundializada, se estrutura ao redor da vontade de poder que se traduz por vontade de dominação da natureza, do outro, dos povos e dos mercados. Essa é a lógica dos dinossauros que criou a cultura do medo e da guerra. Praticamente em todos os países as festas nacionais e seus heróis são ligados a feitos de guerra e de violência. Os meios de comunicação levam ao paroxismo a magnificação de todo tipo de violência, bem simbolizado nos filmes de Schwazenegger como o “Exterminador do Futuro”. Nessa cultura o militar, o banqueiro e o especulador valem mais do que o poeta, o filósofo e o santo. Nos processos de socialização formal e informal, ela não cria mediações para uma cultura da paz. E sempre de novo faz suscitar a pergunta que, de forma dramática, Einstein colocou a Freud nos idos de 1932: é possível superar ou controlar a violência? Freud, realisticamente, responde: “É impossível aos homens controlar totalmente o instinto de morte... Esfaimados pensamos no moinho que tão lentamente mói que poderíamos morrer de fome antes de receber a farinha”.</p> <p>Sem detalhar a questão, diríamos que por detrás da violência funcionam poderosas estruturas. A primeira delas é o caos sempre presente no processo cosmogênico. Viemos de uma imensa explosão, o big bang. E a evolução comporta violência em todas as suas fases. São conhecidas cerca de 5 grandes dizimações em massa, ocorridas há milhões de anos atrás. Na última, há cerca de 65 milhões de anos, pereceram todos os dinossauros após reinarem, soberanos, 133 milhões de anos. A expansão do universo possui também o significado de ordenar o caos através de ordens cada vez mais complexas e, por isso também, mais harmônicas e menos violentas. Possivelmente a própria inteligência nos foi dada para pormos limites à violência e conferir-lhe um sentido construtivo.</p> <p>Em segundo lugar, somos herdeiros da cultura patriarcal que instaurou a dominação do homem sobre a mulher e criou as instituições do patriarcado assentadas sobre mecanismos de violência como o Estado, as classes, o projeto da tecnociência, os processos de produção como objetivação da natureza e sua sistemática depredação.</p> <p>Em terceiro lugar, essa cultura patriarcal gestou a guerra como forma de resolução dos conflitos. Sobre esta vasta base se formou a cultura do capital, hoje globalizada; sua lógica é a competição e não a cooperação, por isso, gera guerras econômicas e políticas e com isso desigualdades, injustiças e violências. Todas estas forças se articulam estruturalmente para consolidar a cultura da violência que nos desumaniza a todos.</p> <p>A essa cultura da violência há que se opôr a cultura da paz. Hoje ela é imperativa.</p>	<p>Leonardo Boff inicia o artigo “A cultura da paz” apontando o fato de que vivemos em uma cultura que se caracteriza fundamentalmente pela violência. Diante disso, o autor levanta a questão da possibilidade de essa violência poder ser superada ou não. Inicialmente, ele apresenta argumentos que sustentam a tese de que seria impossível, pois as próprias características psicológicas humanas e um conjunto de forças naturais e sociais reforçariam essa cultura da violência, tornando difícil sua superação.</p>

O relato do teólogo, sobre como é possível a criação da cultura da paz em detrimento a da violência, é sintetizado da seguinte forma no resumo:

Cultura da paz - Leonardo Boff	Resumo – Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004)
<p>Onde buscar as inspirações para cultura da paz? Mais que imperativos voluntarísticos, é o próprio processo antropogênico a nos fornecer indicações objetivas e seguras. A singularidade do 1% de carga genética que nos separa dos primatas superiores reside no fato de que nós, à distinção deles, somos seres sociais e cooperativos. Ao lado de estruturas de agressividade, temos capacidades de afetividade, compaixão, solidariedade e amorização. Hoje é urgente que desentranhemos tais forças para conferir rumo mais benfazejo à história. Toda protelação é insensata.</p> <p>O ser humano é o único ser que pode intervir nos processos da natureza e co-pilotar a marcha da evolução. Ele foi criado criador. Dispõe de recursos de re-engenharia da violência mediante processos civilizatórios de contenção e uso de racionalidade. A competitividade continua a valer mas no sentido do melhor e não de destruição do outro. Assim todos ganham e não apenas um.</p> <p>Há muito que filósofos da estatura de Martin Heidegger, resgatando uma antiga tradição que remonta aos tempos de César Augusto, veem no cuidado a essência do ser humano. Sem cuidado ele não vive nem sobrevive. Tudo precisa de cuidado para continuar a existir. Cuidado representa uma relação amorosa para com a realidade.</p> <p>Onde vigia cuidado de uns para com os outros desaparece o medo, origem secreta de toda violência, como analisou Freud. A cultura da paz começa quando se cultiva a memória e o exemplo de figuras que representam o cuidado e a vivência da dimensão de generosidade que nos habita, como Gandhi, Dom Helder Câmara e Luther King e outros.</p>	<p>Mas, mesmo reconhecendo o poder dessas forças, Boff considera que, nesse momento, é indispensável estabelecermos uma cultura da paz contra a da violência, pois esta estaria nos levando à extinção da vida humana no planeta. Segundo o autor, seria possível construir essa cultura, pelo fato de que os seres humanos são providos de componentes genéticos que nos permitem sermos sociais, cooperativos, criadores e dotados de recursos para limitar a violência e de que a essência do ser humano seria o cuidado, definido pelo autor como sendo uma relação amorosa com a realidade, que poderia levar à superação da violência.</p>

O que Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) realizam é o que Schneuwly e Dolz (2004) definem sobre o que é o resumo. De acordo com estes autores, nesse gênero, “o ‘resumidor’ revive, em seu resumo, a ‘dramatização discursiva’ construída no texto a resumir, a partir de uma compreensão das diferentes vozes enunciativas que agem” (p. 88- grifos dos autores). Assim, às escolhas e o emprego de formas linguísticas na construção de um vocabulário próprio deixa em evidência que o ator do texto-fonte realiza atos em seu texto, o que garante ao leitor a compreensão da autoria das ideias e dos conceitos:

“Leonardo Boff inicia o artigo “A cultura da paz” apontando o fato de que vivemos em uma cultura...”; “... o autor levanta a questão da possibilidade ...”; “Inicialmente, ele apresenta argumentos que ...”; “... mesmo reconhecendo o poder dessas forças, Boff considera que, ...”; Segundo o autor, seria possível ...”; “..., definido pelo autor como sendo uma relação amorosa...”; “... o teólogo conclui, ...”. De acordo com Bragagnollo (2011, p. 46), “Quando o aluno diz que o autor do texto afirma, nega, critica, conclui etc., ele está inferindo, por meio da compreensão do conteúdo do texto, que o autor está realizando esses atos”, garantindo a autoria do conteúdo em abordagem, deixando explícita a voz da autoria.

De acordo com Oliveira (2004, p. 48), esse tipo de verbo, que pode ser classificado como do “tipo interpretar”, “aparentemente só descreve as ações atribuídas ao autor da obra, mas que, na verdade, é resultado da interpretação de quem resume ou resenha”. Destacamos que, nessa ação de escolha, está a contrapalavra no gênero do discurso resumo, pois ali está a subjetividade do enunciador, sua voz.

Outra característica do gênero, que marca a autoria das ideias e conteúdos do texto, é o uso do sobrenome do autor do texto-fonte, de adjetivos que marcam a área de sua especialidade (BRAGAGNOLLO, 2011). No nosso *corpus*, o texto já se inicia com a apresentação direta a “Leonardo Boff”, depois as marcações de referência: “Boff”; o “autor”; “o teólogo” que, no caso, demonstra ao destinatário-professor que o autor do texto-fonte e seu papel social foram considerados no momento da interpretação do texto-fonte. Outros elementos desse diálogo com o destinatário são o emprego da terceira pessoa do singular e de uma linguagem com alto grau de objetividade (BRAGAGNOLLO, 2011), pois a autoria dos conceitos é do autor do texto-fonte, ou seja, dele; é ele que aponta o fato, levanta a questão, reconhece o poder, conclui, incita etc. Conforme apontam Schneuwly e Doz (2004, p. 88),

Longe de se constituir numa atividade que poderia ser reduzida à aplicação de algumas regras simples, formalizadas pelo cognitivismo, como sendo as de condensação, de eliminação e de generalização, o exercício ‘resumo’ deve ser considerado um gênero que leva ao extremo a atitude metalinguística em face de um texto, em que é preciso reconstruir a lógica enunciativa, sendo a situação escolar de comunicação, precisamente, aquele que solicita a demonstração da capacidade para essa atitude.

Essa atitude de garantir a presença da autoria do texto-fonte configura um diálogo com o interlocutor do resumo, confirmando a assertiva de Bakhtin/Volochinov (2006) que de o emprego da contrapalavra não é algo livre, porque a situação social imediata a determina. Formam a situação social imediata a consideração sobre qual é o papel social do autor na interação, no caso, como posto na citação, o aluno-autor do resumo acadêmico é aquele que vai atender e demonstrar ao professor que sabe resumir uma obra (relembrando aqui que em nossa interpretação é esse o papel assumido por Machado, Lousada e Abreu-tardelli na produção do referido resumo), e sobre quem é o destinatário e o papel que ele também assume na interação. A escolha dos elementos estilísticos também está vinculada a essa questão (BAKHTIN, 2003).

No resumo acadêmico, o professor é o destinatário do texto, o qual tem o papel social de avaliador da leitura, da compreensão e da produção do texto do aluno, do resumo, é também aquele que conhece o texto-fonte. Logo, a escolha e o emprego dos verbos representando os atos realizados pelo autor do texto-fonte e dos elementos que referenciam o autor são o que Volochinov (2013, p. 80) concebe como “palavra-chave que somente conhecem os que pertencem a um mesmo horizonte social”, não considerando aqui a palavra como signo, que carrega a mesma significação, mas como palavra carregada das peculiaridades da enunciação que está vinculada a um campo específico, a uma prática social de linguagem específica, que tem objetivos delineados.

Revisitados os conceitos trazidos pelo Círculo de Bakhtin e finalizando nossa reflexão teórico-analítica sobre um exemplar do gênero resumo acadêmico, apresentamos uma síntese dos principais aspectos suscitados, sob o olhar dialógico da linguagem:

- a. A função sociocomunicativa que exerce o resumo acadêmico na situação social imediata (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006) é a de o aluno comprovar que leu um texto, seguindo solicitação/exigência do professor, e compreendeu seus significados. Para o professor, a produção do resumo é instrumento de avaliação da compreensão e aprendizagem do aluno a respeito de um conteúdo posto em processo de ensino e aprendizagem (BRAGAGNOLLO, 2011);
- b. A relação entre o autor e os discursos precedentes (BAKHTIN, 2003) e a proposição de que não existe sujeito adâmico (BAKHTIN, 2003) estão marcados na essência do gênero resumo que é a reafirmação, em paráfrase, do sentido de um texto-fonte (BRAGAGNOLLO, 2011; COSTA, 2008);

- c. O resumo é cheio de ecos de outros enunciados e também é compenetrado da expressão particular de seu autor, em sua contrapalavra (BAKHTIN, 2003);
- d. O resumo não é um gênero do discurso muito aberto às idiosincrasias, permite alguns matizes de entonação expressiva de seu autor, as quais estão ligadas à percepção e à compreensão que ele teve do significado do texto-fonte e do que avaliou como relevante (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006);
- e. A entonação expressiva (BAKHTIN, 2003) empregada pelo autor do resumo está ligada ao seu destinatário, que é o professor;
- f. O texto de um resumo acadêmico nunca apresenta o mesmo significado que o produzido por outro, porque o autor é um sujeito particular, constituído de ideologias e conhecimentos individuais (BAKHTIN, 2003). O conteúdo temático é organizado a partir da alteridade, da assimilabilidade, da aperceptibilidade, da relevância e da reacentuação que o autor dá ao tema apresentado no texto-fonte (BAKHTIN, 2003);
- g. A exauribilidade semântico-objetiva do tema no resumo acadêmico é relativa (BAKHTIN, 2003; BRAGAGNOLLO, 2011), isto é, por meio do emprego de palavra própria, o autor tem relativo espaço para o emprego de seu estilo, na criação na construção da paráfrase, sua contrapalavra (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006);
- h. A contrapalavra no resumo acadêmico está marcada no emprego de verbos do “tipo interpretar” (OLIVEIRA, 2004), verbos que descrevem as ações realizadas pelo autor do texto-fonte;
- i. O diálogo com o texto-fonte, essência do referido gênero, no caso, a apresentação da autoria e das ideias do texto, está marcada no fio discursivo do resumo (FIORIN, 2008; VOLOCHINOV, 2013), no uso, por seu autor, do sobrenome do autor do texto-fonte; de adjetivos que marcam a área de sua especialidade; da organização textual na terceira pessoa do singular; de uma linguagem com alto grau de objetividade (SCHNEUWLY, DOZ, 2004; BORDA, 2004; BRAGAGNOLLO, 2011).

Destacamos aqui o fato de que, para a construção da reafirmação, em paráfrase, do sentido do texto-fonte, da contrapalavra, dos matizes de entonação expressivas particulares do autor do resumo, no momento da produção textual desse gênero, é preciso que seu autor compreenda quem é o autor do texto-fonte; qual seu papel social; qual é o acento de valor que dá à temática estabelecida

no texto; com quem o autor do texto-fonte, por sua vez, dialoga; quais são as características do contexto extraverbal que estão instituídas no texto-fonte; a forma ampla de dialogismo que forma o texto e os diálogos que estão marcados em seu fio discursivo; quem é o destinatário de seu texto e que papel ele ocupa na interação (BAKHTIN, 2003; BALHTIN/VOLOCHINOV, 2006; FIORIN, 2008; VOLOCHINOV, 2013).

Considerações finais

Nos propomos, neste artigo, em revisitar os preceitos originários do Círculo de Bakhtin a respeito do caráter dialógico para compreender como se constitui o gênero discursivo resumo acadêmico e, a partir disso, apresentar uma reflexão teórico-analítica sobre um exemplar do gênero calcada sob essa perspectiva. As discussões demonstraram como várias vozes constituem o exemplar, de forma constitutiva e verbal, o que encaminha a construção do enriquecimento de sentido ao texto fonte, da progressão do que foi assimilado do discurso precedente, e um direcionamento à situação social específica, considerando quem são todos os co-participantes da interação.

Esperamos que este trabalho seja uma contribuição para a formação docente inicial, no sentido de ter demonstrado quais são as características do resumo acadêmico, e quais os aspectos são levados em consideração para a interpretação e para a produção do gênero, a partir de um estudo centrado na perspectiva dialógica da linguagem, o que pode subsidiar o processo da prática da leitura/interpretação e da produção desse gênero pelos acadêmicos em situação formativa no ensino superior e na instrumentalização de futuros professores que tomam o gênero como objeto de ensino e como instrumento avaliativo do aprendizado de seus alunos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2016.

- BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo/SP: Hucitec, 2006.
- BORBA, Vicentina Maria Ramires. **Gêneros textuais e produção de universitários**: o resumo acadêmico. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.
- BRAGAGNOLLO, Rubia Mara. **O gênero resumo acadêmico na formação docente inicial**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011.
- BRAGAGNOLLO, Rubia Mara; MENEGASSI, Renilson José. Resumo Acadêmico: uma experiência mediativa com o gênero na formação docente inicial. **Acta Scientiarum**. Language and Culture. Maringá, v. 36, n. 2, p. 217-226, abr./jun., 2014.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lilian. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MENEGASSI, Rensilon José. Exauribilidade temática no gênero discursivo. In: SALEH, Pascoalina; OLIVEIRA, Sheila. (Org.). **Leitura, escrita e ensino de língua em debate**. Ponta Grossa: UEPG, 2010. p. 77-90.
- OLIVEIRA, Siderlene Muniz. **Os verbos de dizer em resenhas acadêmicas e a interpretação do agir verbal**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2004.
- POLATO, Adriana Delmira Mendes; MENEGASSI, Renilson José. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 123-143, Maio/Ago. 2017.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Tradução de Gláís Sales Cordeiro. **Revista Brasileira de Educação**. n. 11, mai/jun/jul/ago, p. 5-16, 1999.

VOLOCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

ANEXO 1

Resumo:

Leonardo Boff inicia o artigo “A cultura da paz” apontando o fato de que vivemos em uma cultura que se caracteriza fundamentalmente pela violência. Diante disso, o autor levanta a questão da possibilidade de essa violência poder ser superada ou não. Inicialmente, ele apresenta argumentos que sustentam a tese de que seria impossível, pois as próprias características psicológicas humanas e um conjunto de forças naturais e sociais reforçariam essa cultura da violência, tornando difícil sua superação. Mas, mesmo reconhecendo o poder dessas forças, Boff considera que, nesse momento, é indispensável estabelecermos uma cultura da paz contra a da violência, pois esta estaria nos levando à extinção da vida humana no planeta. Segundo o autor, seria possível construir essa cultura, pelo fato de que os seres humanos são providos de componentes genéticos que nos permitem sermos sociais, cooperativos, criadores e dotados de recursos para limitar a violência e de que a essência do ser humano seria o cuidado, definido pelo autor como sendo uma relação amorosa com a realidade, que poderia levar à superação da violência. A partir dessas constatações, o teólogo conclui, incitando-nos a despertar as potencialidades humanas para a paz, construindo a cultura da paz a partir de nós mesmos, tornando a paz como projeto pessoal e coletivo.

Fonte: MACHADO, A.R.; LOUSADA, E.G.; ABREU-TARDELLI, L.S.

Resumo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 16.

ANEXO 2

Cultura da paz (Leonardo Boff)

A cultura dominante, hoje mundializada, se estrutura ao redor da vontade de poder que se traduz por vontade de dominação da natureza, do outro, dos povos e dos mercados. Essa é a lógica dos dinossauros que criou a cultura do

medo e da guerra. Praticamente em todos os países as festas nacionais e seus heróis são ligados a feitos de guerra e de violência. Os meios de comunicação levam ao paroxismo a magnificação de todo tipo de violência, bem simbolizado nos filmes de Schwazenegger como o “Exterminador do Futuro”. Nessa cultura o militar, o banqueiro e o especulador valem mais do que o poeta, o filósofo e o santo. Nos processos de socialização formal e informal, ela não cria mediações para uma cultura da paz. E sempre de novo faz suscitar a pergunta que, de forma dramática, Einstein colocou a Freud nos idos de 1932: é possível superar ou controlar a violência? Freud, realisticamente, responde: “É impossível aos homens controlar totalmente o instinto de morte... Esfaimados pensamos no moinho que tão lentamente mói que poderíamos morrer de fome antes de receber a farinha”.

Sem detalhar a questão, diríamos que por detrás da violência funcionam poderosas estruturas. A primeira delas é o caos sempre presente no processo cosmogênico. Viemos de uma imensa explosão, o big bang. E a evolução comporta violência em todas as suas fases. São conhecidas cerca de 5 grandes dizimações em massa, ocorridas há milhões de anos atrás. Na última, há cerca de 65 milhões de anos, pereceram todos os dinossauros após reinarem, soberanos, 133 milhões de anos. A expansão do universo possui também o significado de ordenar o caos através de ordens cada vez mais complexas e, por isso também, mais harmônicas e menos violentas. Possivelmente a própria inteligência nos foi dada para pormos limites à violência e conferir-lhe um sentido construtivo.

Em segundo lugar, somos herdeiros da cultura patriarcal que instaurou a dominação do homem sobre a mulher e criou as instituições do patriarcado assentadas sobre mecanismos de violência como o Estado, as classes, o projeto da tecnociência, os processos de produção como objetivação da natureza e sua sistemática depredação.

Em terceiro lugar, essa cultura patriarcal gestou a guerra como forma de resolução dos conflitos. Sobre esta vasta base se formou a cultura do capital, hoje globalizada; sua lógica é a competição e não a cooperação, por isso, gera guerras econômicas e políticas e com isso desigualdades, injustiças e violências. Todas estas forças se articulam estruturalmente para consolidar a cultura da violência que nos desumaniza a todos.

A essa cultura da violência há que se opôr a cultura da paz. Hoje ela é imperativa.

É imperativa, porque as forças de destruição estão ameaçando, por todas as partes, o pacto social mínimo sem o qual regredimos a níveis de barbárie. É imperativa porque o potencial destrutivo já montado pode ameaçar toda a

biosfera e impossibilitar a continuidade do projeto humano. Ou limitamos a violência e fazemos prevalecer o projeto da paz ou conheceremos, no limite, o destino dos dinossauros.

Onde buscar as inspirações para cultura da paz? Mais que imperativos voluntarísticos, é o próprio processo antropológico a nos fornecer indicações objetivas e seguras. A singularidade do 1% de carga genética que nos separa dos primatas superiores reside no fato de que nós, à distinção deles, somos seres sociais e cooperativos. Ao lado de estruturas de agressividade, temos capacidades de afetividade, compaixão, solidariedade e amorização. Hoje é urgente que desentranhemos tais forças para conferir rumo mais benfazejo à história. Toda protelação é insensata.

O ser humano é o único ser que pode intervir nos processos da natureza e co-pilotar a marcha da evolução. Ele foi criado criador. Dispõe de recursos de re-engenharia da violência mediante processos civilizatórios de contenção e uso de racionalidade. A competitividade continua a valer mas no sentido do melhor e não de destruição do outro. Assim todos ganham e não apenas um.

Há muito que filósofos da estatura de Martin Heidegger, resgatando uma antiga tradição que remonta aos tempos de César Augusto, veem no cuidado a essência do ser humano. Sem cuidado ele não vive nem sobrevive. Tudo precisa de cuidado para continuar a existir. Cuidado representa uma relação amorosa para com a realidade. Onde vige cuidado de uns para com os outros desaparece o medo, origem secreta de toda violência, como analisou Freud. A cultura da paz começa quando se cultiva a memória e o exemplo de figuras que representam o cuidado e a vivência da dimensão de generosidade que nos habita, como Gandhi, Dom Helder Câmara e Luther King e outros. Importa fazermos as revoluções moleculares (Gatarri), começando por nós mesmos. Cada um estabelece como projeto pessoal e coletivo a paz enquanto método e enquanto meta, paz que resulta dos valores da cooperação, do cuidado, da compaixão e da amorosidade, vividos cotidianamente

Disponível em: <http://www.leonardoboff.eco.br/site/vista/2001-2002/culturapaz.htm>. Acesso em: 20-11-2018.

Recebido em 26 de novembro de 2019.

Aceito em 14 de janeiro de 2020.